

O ELDORADO DO SÉCULO XXI

André Coelho



MINA DE Serra Grande, em Crixás, em Goiás:
exploração em áreas antes inviáveis

Novo ciclo do ouro

Com tecnologia e metal caro, produção do país vai dobrar, atraindo investimentos de US\$ 2,4 bi

Vivian Oswald
vivian.oswald@bsb.oglobo.com.br

Enviada especial •
CRIXÁS (GO) e BRASÍLIA

Quatro séculos depois do ciclo do ouro que encheu os olhos da Coroa Portuguesa e levou brasileiros e estrangeiros atrás do enriquecimento rápido, o Brasil está diante da maior corrida de todos os tempos pelo metal. Novos equipamentos sofisticados já permitem às gigantes estrangeiras que dominam o mercado nacional chegar ao que poderia ser chamado de “o pré-sal da mineração”. No Centro-Oeste e no Norte, minas até então intocadas tornaram-se economicamente viáveis, assim como outras consideradas esgotadas em Minas Gerais e no Nordeste.

Tudo isso graças ao aumento, em todo o planeta, da demanda pelo ouro — cuja cotação deu um salto de 540% na última década — estimulada pelo crescimento econômico mundial, sobretudo da China, e pela necessidade dos países de acumular o metal, que é considerado um dos ativos financeiros mais confiáveis do mundo.

Metal é encontrado a 2.500m no Brasil

• O entusiasmo é tanto que o Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram) já estima investimentos de US\$ 2,4 bilhões para o setor até 2015. Trata-se de praticamente o triplo da projeção anterior, de pouco mais de US\$ 900 milhões. As empresas não disfarçam o otimismo e prometem novos projetos, enquanto as autoridades estimam que a produção do ouro também deve crescer de maneira expressiva, podendo dobrar nos próximos cinco anos. Só no Rio Grande Norte, sairá de 60 gramas para seis toneladas se todos os pro-

A cotação do ouro subiu 540% na última década. Devido à crise econômica mundial, a demanda cresceu por ser um dos ativos mais confiáveis

jetos em análise se concretizarem.

Existem hoje no país 2.819 garimpos legais em atividade. Mas o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) já concedeu 1.270 novas autorizações de pesquisa em áreas a serem exploradas, e analisa outros 1.173 pedidos encaminhados por empresas e cooperativas.

Se a crise financeira global de 2008 impôs um ritmo bem menos acelerado às economias desenvolvidas, o que, em tese, diminuiria a demanda pelo ouro, ela acabou por ajudar a desvalorizar o dólar e pressionar os preços do metal, considerado historicamente porto seguro pelos investidores. Os bancos centrais mundiais nunca compraram tanto ouro para manter em suas reservas internacionais desde a década de 80. A escalada dos preços viabilizou novos investimentos milionários em pesquisas e tecnologia.

No passado, o ouro brotava da terra, ou dos rios, e retirá-lo não exigia muito esforço. Hoje ele é en-

contrado em profundidades de até quatro mil metros na África do Sul, mas já está em 2.500 metros no Brasil. Máquinas sofisticadas são capazes de extrair menos de um grama de ouro de uma pedra de uma tonelada, ou seja, algo equivalente a um automóvel de passeio.

Isso explica o motivo de o Brasil, que já foi o maior produtor do mundo, mas perdeu posições no passado recente, ter voltado ao páreo e estar em 13º lugar na lista dos grandes globais. Em 2010, produziu 62 toneladas nos garimpos legais, o maior volume da década, e se prepara para dobrar a marca. O maior produtor do mundo é a China, com 341 toneladas/ano, seguida por Austrália (259 toneladas), Estados Unidos (240 toneladas) e África do Sul (192 toneladas).

A produção brasileira é muito pequena, apenas 12% de seu potencial. Considerando-se as reservas provadas em 2010, o Brasil tem a capacidade de extração anual de 503

toneladas do metal puro. A quantidade foi calculada com base em 1,3 bilhão de toneladas de rochas com o minério, com teor médio de 2,57 gramas por tonelada rochosa.

Tecnologia pode levar país ao topo

• A expectativa do governo e de especialistas é que justamente a tecnologia deverá mudar este quadro e alçar o Brasil ao topo da lista novamente. Em vez dos tradicionais garimpos artesanais que enchiam de mercúrio os rios brasileiros, o país já tem 93,7% da sua produção feita de maneira industrial, segundo o DNPM. O minério de ferro continua sendo a principal vedete da balança comercial brasileira e corresponde a mais de 80% do que o país vende lá fora, mas o segundo metal é o ouro, com quase 5% do total.

Em Crixás, no Norte de Goiás, a Mineração Serra Grande, uma *joint-venture* da AngloGold Ashanti, da África do Sul, com a Kinross Gold Corporation, do Canadá, já trabalha a 700 metros, com túneis que, somados, chegam a 60 quilômetros de extensão. A ambição da empresa, que detém as minas mais profundas do Brasil, ambas em Minas Gerais (Mina Cuiabá, em Sabará, com 1.000 metros, e Mina Lima, em Nova Lima, com 2.500), pode ser medida pelos seus planos de investimentos.

O diretor de Operações da empresa, Ricardo de Assis, afirma que US\$ 1,1 bilhão será aplicado em novos projetos, ampliações e manutenção das minas que operam no país. A Anglo é a segunda maior produtora do Brasil e a terceira do mundo.

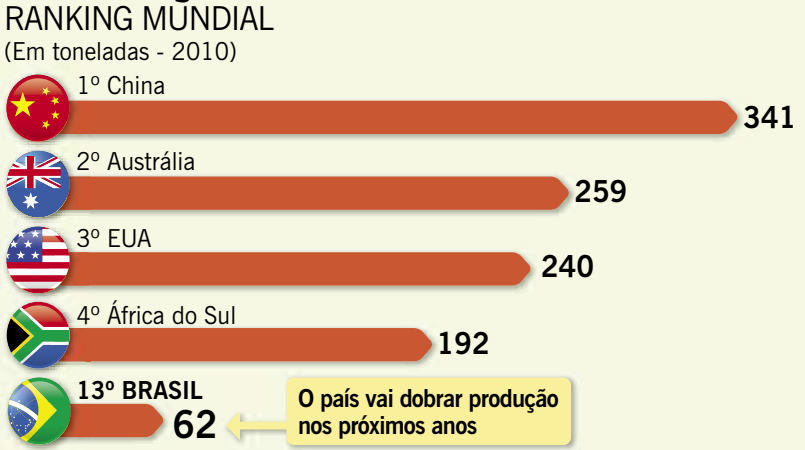
Não muito distante de Crixás, em Paracatu, está a maior mina de ouro a céu aberto do país, explorada pela canadense Kinross. Para chegar ao metal, a empresa precisou investir na tecnologia que a permite retirar a quantidade de 0,4 grama do mineral de uma tonelada de pedra. Nos últimos cinco anos, segundo o vice-presidente da companhia no Brasil, Antonio Carlos Marinho, a produção saltou de cinco para 15 toneladas.

Na Mina de São Francisco, no Rio Grande do Norte, a australiana Crusader está concluindo as pesquisas iniciadas há um ano e pretende produzir de três a cinco toneladas por ano neste lugar onde poucos viram potencial no passado. A expectativa é que o teor do ouro seja de 1,5 grama para cada tonelada, segundo o responsável pelas pesquisas, Rob Smakman, que vive no Brasil há alguns anos com a família e tem liderado os trabalhos da empresa no país.

— É uma região pouco explorada — disse Smakman. ■

• **SEGURANÇA É UMA PREOCUPAÇÃO DE GRANDES E PEQUENOS, na página 30**

A PRODUÇÃO NACIONAL E NO MUNDO



Histórico da produção de ouro no país (em quilos)			
	Produção industrial	Garimpo	TOTAL
2009	52.525 (93,7%)	3.537 (6,3%)	56.062
2008	46.065	8.600	54.665
2005	32.803 (79,4%)	8.351 (20,3%)	41.154
2004	28.508	19.088	47.596
2000	42.025	8.368	50.393
1990	30.098 (29,5%)	71.815 (70,5%)	101.913
1980	4.088	9.664	13.752
1970	5.830	370	6.200
1960	4.625	-	4.625

Fontes: DNPM e consultoria GFMS

Existem no país 2.819 garimpos legais em atividade. Mas já foram concedidas 1.270 novas autorizações de pesquisa em áreas a serem exploradas

MBA do IAG PUC-Rio.

FINANÇAS
RH
PROJETOS

MARKETING
INVESTIMENTOS
MANAGEMENT

Inscrições Abertas
www.iag.puc-rio.br | (21) 2138-9240


IAG PUC RIO
A FORTALECER SUAS IDEIAS

MÍRIAM LEITÃO



PANORAMA ECONÔMICO

Lenha na fogueira

• De 2006 para cá, a dívida das famílias brasileiras cresceu 250%. No mesmo período, a renda subiu 80%. Em 2006, a dívida total era quitada com dois meses e meio de rendimentos. Hoje, o/a chefe de família precisa de cinco meses para pagar tudo o que deve. As famílias não têm percepção do aumento da dívida porque a dilatação dos prazos faz a prestação caber no bolso.

O aumento da dívida e da renda foi calculado pelo economista André Gamerman, da Opus Gestão, incluindo todos os rendimentos dos brasileiros, como salários e transferências do governo, e todas as dívidas. A diferença de ritmo fez o endividamento das famílias em relação à renda anual saltar de 21,97% para 41,83%, em pouco mais de cinco anos (veja gráfico). O percentual é maior porque a estatística do Banco Central não considera as dívidas que não passam pelo sistema financeiro, como os cartões de lojas. Também não entram cheques pré-datados que ficam retidos com os lojistas.

O presidente da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas, Roque Pellizzaro Júnior, diz que 70% das vendas do comércio são feitas a prazo, incluindo cartão de crédito, carnês e pré-datados. Nas cidades maiores, é mais comum o uso de cartões. Nas menores, o cheque e o carnê ainda são fortes. O uso de carnês tem crescido:

— É uma zona obscura de estatística as vendas com carnês e pré-datados porque as empresas varejistas do Brasil são em sua maioria de capital fechado. Nos últimos seis meses os varejistas estão reclamando que as vendas com carnês estão subindo porque as pessoas já estouraram o limite do cartão.

A inadimplência do consumidor permanece baixa, mas tem subido este ano. Em janeiro, era 5,7% das operações. Em setembro, estava em 6,8%. É a maior taxa desde maio de 2010 e acontece no momento em que o desemprego está em 6%. É isso que chama atenção: se no melhor momento a inadimplência sobe, como será se a economia desacelerar ou a inflação comer parte da renda?

— Estamos com a pulga atrás da orelha. O Brasil não tem poupança nem nível alto de securitização. Qualquer desarranjo no orçamento vai se transformar em dívida. A coluna que sustenta o processo todo é o mercado de trabalho. Se mexer no nível de emprego, vai ser um caos. Por isso o BC está certo em estimular a economia — acredita Pellizzaro.

O BC voltou atrás nas medidas de restrição ao crédito.

O parcelamento para compra de automóveis voltará a 60 meses, o valor mínimo para o pagamento do cartão de crédito não subirá a 20%. O crescimento do PIB induzido pelo crédito está em ritmo preocupante, segundo o economista José Marcio Camargo:

— O que mais preocupa é o crescimento muito rápido do crédito, entre 15% a 20% ao ano. Nada que cresce a uma taxa assim pode estar em equilíbrio. As pessoas se endividam pensando em aumento de renda no futuro, acham que vão ganhar mais e assim poderão pagar mais. Há risco caso a economia esfrie e o desemprego aumente.

Não é só a desaceleração que preocupa. A inflação tira renda das famílias e isso significa menos dinheiro para quitar dívidas. A alta dos serviços é um problema:

— A inflação tira bastante renda. Quem virou classe C passou a comprar mais serviços, como telefonia, cabeleireiro, TV por assinatura. As pessoas têm muita relutância em cortar o serviço e a renda vai ficando mais apertada — disse Pellizzaro.

O prazo para pagamento de dívidas foi dilatado e isso ajuda a parcela a caber no bolso. Em janeiro de 2006, as pessoas físicas tinham que honrar os compromissos em 318 dias, em média. Em setembro deste ano, o prazo havia subido para 584 dias. Por isso, a renda das famílias em um mês comprometida com o pagamento de dívidas está em patamar baixo, 14%.

Roque Pellizzaro dá uma boa notícia: o brasileiro, quando alertado, se esforça para sair do atraso:

— Entre 60% e 65% das pessoas que vão para o SPC pagam em até 30 dias depois de receber o aviso. O brasileiro é honesto e quer pagar. Quem entra no cadastro não pode fazer novas compras, isso protege o sistema.

A dívida dos brasileiros está crescendo mais rapidamente do que a renda. As parcelas cabem no bolso, mas a dívida em relação à renda anual está subindo. É bom lembrar que o acesso ao crédito é recente e o dinheiro brasileiro é caro demais. A boa notícia é que a maioria dos brasileiros quer usar o 13º para quitar dívidas.

Editoria de Arte



oglobo.globo.com/economia/miriam
e-mail: miriamleitao@oglobo.com.br

COM ALVARO GRIBEL

O ELDORADO DO SÉCULO XXI

Segurança é uma preocupação para grandes mineradoras e garimpeiros

Medidas incluem vigilância armada 24 horas e proibição do uso de celular

Vivian Oswald
vivian.oswald@bsb.oglobo.com.br

Enviada especial

• CRIXÁS (GO). Em torno da Mineração Serra Grande, no interior de Goiás, as cercas de arame farpado enroladas sobre os alambrados e o forte esquema de segurança para entrada e saída de visitantes — e até mesmo de funcionários — é a prova de que não se trata apenas de uma sensação o clima de neurose instalado na planta da terceira maior mineradora de ouro do Brasil. Há um posto da Polícia Militar no portão de entrada e pontos de observação em torres espalhadas pela empresa. O cenário faz lembrar uma penitenciária de segurança máxima.

Ninguém entra com celular ou câmeras fotográficas sem autorização prévia. E, mesmo depois do exaustivo processo de identificação na portaria, só se anda seguindo as marcações pelo chão, sob o risco de levar reprimendas e até mesmo ser expulso do local. Poucos sabem quando sairá o próximo carregamento de ouro da empresa, só quando o helicóptero pousa para buscar a mercadoria — e, em alguns minutos, decola novamente com paradeiro desconhecido. A repórter não teve sequer acesso ao processo de transformação de pedregulhos de mais de uma tonelada em ouro.

A paranoia da Mineração Serra Grande — que é uma *joint venture* entre as gigantes sul-africana AngloGold Ashanti e canadense Kinross, que também operam em outras regiões brasileiras — tem por objetivo evitar que se repitam os dois roubos registrados desde 2005. O último teria sido acionado por um telefonema de celular de dentro da empresa no momento em que o helicóptero estava sendo carregado.

Funcionários mais qualificados são vigiados

A política de segurança é tão estrita que a empresa mantém também sob a guarda de vigilantes durante 24 horas por dia a área onde vivem os funcionários mais qualificados e a sua Casa de Hóspedes.

A ideia é evitar a exposição de quem detém informações sigilosas estratégicas, como geólogos e engenheiros, a quartos de hotéis, por exemplo. As regras de segurança e planos de carga e descarga de mercadoria são mantidas em sigilo. Quanto menos as pessoas de fora souberem, menos munição gatunos terão contra a companhia.

— Só posso dizer que sai de helicóptero. Até porque a cidade inteira vê a aeronave indo e vindo. Como sai do país, não podemos revelar. Este é um dado estratégico da empresa — disse de um de seus funcionários, que não pode se identificar.

Nem todos os funcionários das empresas sabem muito mais informações do que as suas áreas de competência. Alguns têm acesso a áreas a que outros não dispõem. E nunca ninguém está sozinho com o ouro.

A 20 km dali, na boca da mina de Lavra, que é explorada por um punhado de garimpeiros, não há qualquer aparato de segurança ou vigias de plantão. Mas fica claro que os trabalhadores tampouco se afastam dali. Por volta das 18h30m, um deles chega ao



Fotos de André Coelho

TRABALHADORES DA mina de Lavra: garimpeiros chegam a dormir no local para evitar roubo do metal



EM SERRA Grande, esquema de segurança armada por 24 horas

serviço abraçado a um colchão. Vai dormir nas instalações para proteger a área da mina de onde tiram a subsistência. Não são raros os casos de mortes por brigas ou assaltos no garimpo.

Não é de hoje o interesse de assaltantes pelo ouro produzido pelas grandes empresas. Se os roubos podem parecer mais fáceis em minas de menor porte,

exploradas por garimpeiros, as companhias maiores continuam sendo alvos de criminosos, dadas a quantidade que produzem e sua organização.

Pequenas remessas para evitar acúmulo do metal

Por isso, em algumas, parte da estratégia é mandar várias pequenas remessas para fora

das plantas e assim evitar o acúmulo de muita quantidade no local, em geral mais isolado e desprotegido do que nos centros urbanos.

No último dia 9, uma tentativa de roubo fracassada foi feita na mina de ouro Aurizona, no Maranhão. Homens armados tomaram como reféns os funcionários de um povoado próximo e tentaram forçar a entrada nas instalações de armazenamento do metal da companhia Luna Gold, localizada na mina. Ao final, todos os reféns foram libertados ilesos. Os indivíduos não tiveram sucesso na tentativa de assalto e nenhum ouro foi roubado.

Em nota, a empresa afirmou que a produção havia continuado em Aurizona, sem interrupção, mas com alguns danos às instalações de armazenamento de ouro. A Luna Gold disse ainda que as políticas e procedimentos implementados após um roubo em dezembro de 2010 impediram a perda de ouro na última. ■

Quase um pré-sal

Sistema de ventilação especial permite trabalhar a tal profundidade

• CRIXÁS (GO). A sul-africana AngloGold Ashanti se prepara para extrair ouro de uma profundidade de nada menos que 2.500 metros no município de Nova Lima, em Minas Gerais. Ou seja, uma espécie de “pré-sal” da mineração. Esta é a mina mais profunda de que se tem notícia no país e estava fechada há anos por falta de tecnologia capaz de torná-la rentável novamente. Na média, as minas em operação no país têm até mil metros.

Um sistema de ventilação sofisticado garante a refrigeração dos túneis de outra mina da empresa, a Cuiabá, em Sabará (MG), atualmente a mais profunda em operação no país, com 1.100 metros de profundidade. Sem o equipamento, que exigiu a instalação de uma planta especial ao lado do campo de exploração, dificilmente os funcionários da mineradora teriam condições de se manter trabalhando ali por tanto tempo.

O ritmo das máquinas dentro dos túneis é incessante. Equipamentos gigantesco se movem pelas pistas largas como se estivessem ao nível do mar. Ao longo de todo o trajeto, o ar é refrigerado e equipamentos de segurança e comunicação se espalham pelos buracos, que são entrecortados por rotas de saída. Toda esta estrutura também exige tecnologia especial.

Em Riacho dos Machados e Porteirinha, no Norte de Minas Gerais, a canadense Carpathian

aguarda a licença ambiental que a autorizará buscar ouro em mina que já havia sido explorada e encerrada pela Vale, de 1990 a 1997. A empresa estrangeira adquiriu os direitos de exploração na região em 2008 e deve gastar US\$ 160 milhões para implantar fábrica.

A ideia é usar uma nova tecnologia de beneficiamento do mineral que permita ir além das camadas superficiais atingidas no passado pela Vale. O fim da operação em Riacho dos Machados coincidiu com a privatização da empresa e com preços pouco atraentes do ouro.

A partir de 2013, terão início novos projetos em Serra Pelada, que ficou conhecida nos anos 80 pelos formigueiros humanos que atraía para o garimpo, que no auge da produção reuniu cerca de 130 mil trabalhadores. O projeto é da Serra Pelada Companhia de Desenvolvimento Mineral (SPCDM), parceria entre a Coomigasp e a canadense Colossus. O investimento é de R\$ 320 milhões até o início da produção, em 2013.

Em outra iniciativa na região, três sindicatos e associações de trabalhadores se uniram à chinesa Shanghai Pengxin. O grupo está em fase de pesquisas, mas espera produzir em breve, segundo o presidente da Cooperativa de Mineração, Desenvolvimento Social e Agromineral dos Garimpeiros de Serra Pelada (Cooperserra), Raimundo Benigno. (Vivian Oswald)

O GLOBO

MAIS ECONOMIA HOJE NA INTERNET:
oglobo.com.br/economia

VÍDEO E FOTOGALERIA: Imagens do passado e dos dias atuais da corrida do ouro no Brasil

VÍDEO: Por dentro do Parque Tecnológico do Fundão, que será ampliado em 2012

VÍDEO: Aumento do consumo preocupa Juizados Especiais Cíveis, diz juiz Flávio Citro à Defesa do Consumidor

Acompanhe a cobertura da Economia no Twitter:
twitter.com/OGlobo_Economia

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO
CLEMENTINO FRAGA FILHO
SERVICO DE LICITAÇÃO E CONTRATOS

Rua Prof. Rodolpho Paulo Rocco nº 255 - UFRJ - Ilha do Fundão - Rio de Janeiro/RJ
Tel.: 2562-2206 Fax: 2562-2570 E-mail: efigenia@hucff.ufrj.br

Comunicamos a contratação emergencial para Execução de obras com elaboração de Projeto Executivo nos seguintes locais:
Reforma das Enfermarias 5º, 9º, 10º e 11º andares;
Reforma da Emergência, Admissão e Alta e Triagem;
Complementação Instalação Circuito Emergencial da Unidade de Ressonância magnética;
Instalação de Nova Rede de Gases medicinais;
Reforma do Serviço de Radiodiagnóstico.

A Visita Técnica estará aberta entre os dias 21 a 23/11/2011, de 09:00h às 15:00h, devendo as propostas e documentação serem entregues entre os dias 24 a 28/11/2011, no Serviço de Licitações. Para visita ligar 2562-2757 ou 2562-2754.

Rio de Janeiro, 20 de novembro de 2011
Maria Efigênia Henriques Moutinho
Chefe da SLIC

O ELDORADO DO SÉCULO XXI

Passada a febre do ouro, Lavra vive hoje no abandono

Exploração artesanal persiste, apesar do esvaziamento do vilarejo

Vivian Oswald
vivian.oswald@bsb.oglobo.com.br

Enviada especial

● **CRIXÁS (GO).** A existência de ouro determinou, desde sempre, o destino do vilarejo de Lavra, a 15 quilômetros de Crixás, no interior de Goiás. Dos 30 mil habitantes, que fizeram deste pequeno distrito que se organizou em torno das minas um dos mais movimentados da região, não restam mais de cem pessoas. Lavra foi sinônimo de riqueza, diversão e prosperidade entre as décadas de 80 e 90. Da bonança de 20 anos atrás, sobraram as carcaças de antigas casas e suas paredes prestes a desabar, testemunhas da decadência desencadeada pelo esgotamento da forma antiga de exploração desse metal nobre.

Uma das primeiras moradoras do que hoje é considerado apenas um bairro pobre de Crixás, dona Maria Pereira assistiu às profundas transformações por que passou o lugar que escolheu para viver há 23 anos. Sua casa era o antigo cinema do vilarejo. De seu terraço, aponta para o que foi um animado bingo onde os garimpeiros endinheirados perdiam boa parte do que ganhavam, quando não gastavam com mulheres e bebidas.

— Eram tantos carros nesta estrada que o trânsito era impossível. A poeirada, nem se fala. Não se via o outro lado da

rua — lembra dona Maria, aos recém-completados 63 anos.

O comércio hoje se resume a um mercadinho e ao bar onde os homens se reúnem para a cerveja e o bilhar depois do trabalho. As ruas parecem desertas, e as poucas pessoas que se vê circulando são os garimpeiros. O movimento é incessante nos poucos túneis remanescentes na mina no fim da avenida principal. Ali, dezenas de homens lutam pela sobrevivência. Eles ainda procuram o ouro que tantas promessas deixou no ar no passado e desenvolveu o vilarejo de Lavra. A exploração artesanal deixa evidentes os riscos da profissão.

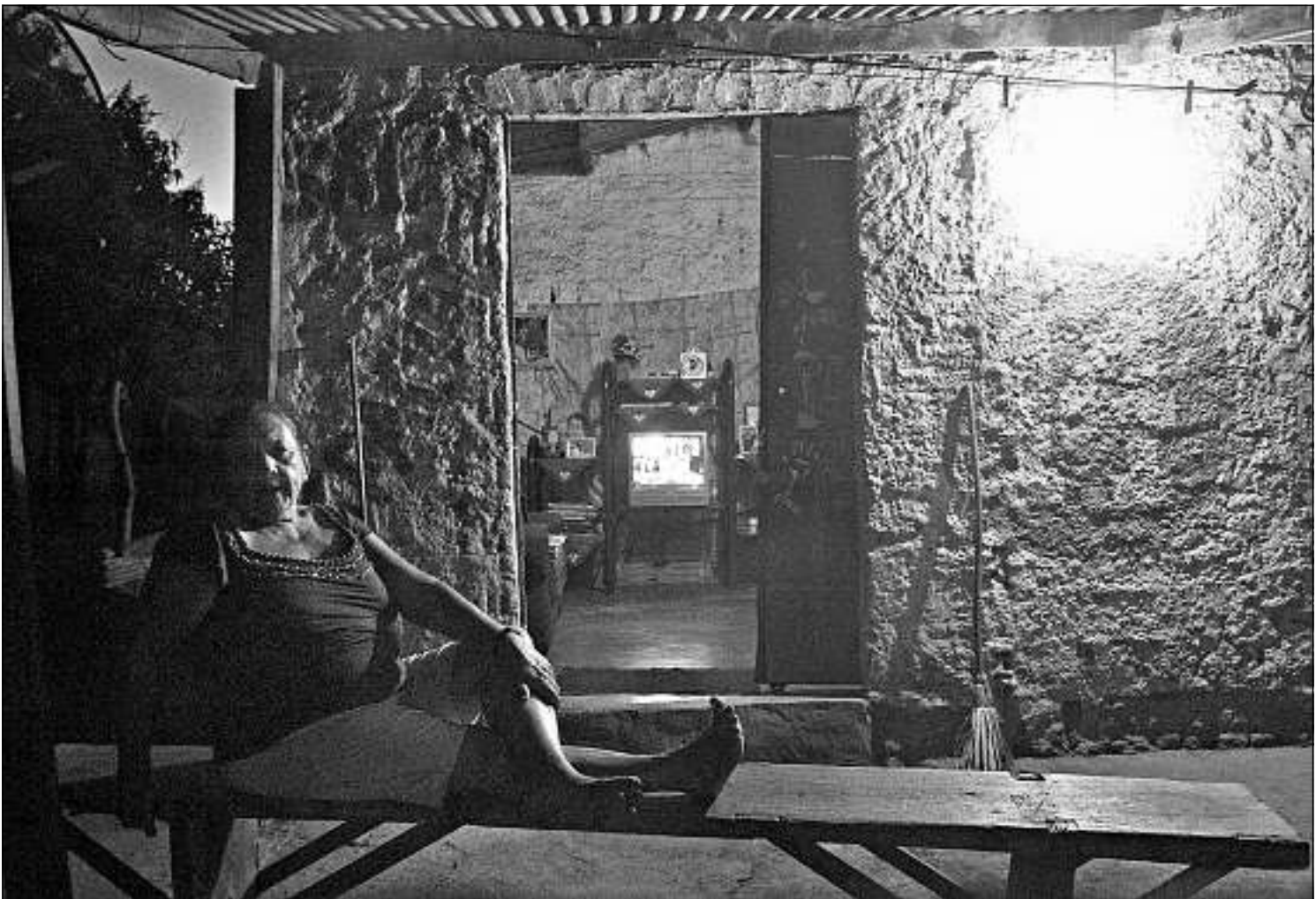
— Uma vez um diretor de uma grande empresa nos disse que estamos 500 anos atrasados — afirmou José Elias, presidente da Associação de Moradores de Lavra.

Produtos químicos são despejados na terra

Elias também é secretário da cooperativa formada pelas 42 famílias que ainda tentam se sustentar do pouco ouro que conseguem retirar do fundo desses túneis lúgubres, em condições de trabalho às quais dificilmente alguém se submeteria.

Nas redondezas, a mata vai desaparecendo e a terra ainda úmida é tomada por uma cor esbranquiçada. Quem vê, não titubeia:

— São os químicos que eles usam na produção do ouro. ■



MARIA PEREIRA vive em Lavra há 23 anos, onde teve um cinema: “Eram tantos carros que o trânsito era impossível. A poeirada, nem se fala”

Royalties: estados e municípios ficam com 88%

Governo quer elevar alíquotas da mineração. Produtores de petróleo podem reagir

● **BRASÍLIA.** A exemplo do ouro, a exploração mineral no Brasil tem crescido exponencialmente e aguçado a cobiça de estados e municípios pela arrecadação dos royalties sobre a atividade, chamados de Contribuição Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (Cfem). Hoje estados e municípios produtores ficam com 88% dos royalties. O governo planeja elevar as atuais alíquotas cobradas, que variam de 0,2% a 3% sobre o lucro líquido das empresas, no âmbito do novo marco regulatório da mineração. Mas projetos no Congresso já se antecipam, com o objetivo de arrancar o máximo de receitas, que devem crescer de 10% a 15% ao ano no próximo triênio.

As discussões sobre a nova legislação, que deve ser enviada ainda este ano à apreciação dos parlamentares, serão aquecidas ainda pela polêmica queda de braço entre estados e municípios em torno dos royalties do petróleo — na qual o Rio, que representa mais de 80% da extração em alto-mar no país, está sofrendo um ataque a sua arrecadação. Os estados produtores de petróleo já prometeram avançar sobre os royalties da mineração e devem ter o apoio de outras unidades da Federação.

— Tecnicamente, são até situações diferentes. Mas não politicamente — afirmou ao GLOBO um técnico do Executivo.

Com a explosão do setor, a Cfem deve arrecadar este ano o recorde histórico de R\$ 1,3 bilhão — 299% acima dos R\$ 326 milhões de 2004. O valor deve ser ainda maior nos próximos três anos, e não só porque o governo vai mexer nas alíquotas. Está em discussão, por exemplo, o aumento da Cfem do ouro

de 1% para 3%, com alíquotas diferenciadas para o mineral que vem do garimpo e o das grandes empresas. Mas porque o novo marco conterà facilidades para agilizar investimentos.

Hoje, a União fica com apenas 12% dos royalties da mineração. Desse total, 9,8% ficam com o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM); 2%, com o Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT); e 0,2%, com o Ibama. Os municípios produtores são os que mais recebem: 65%. Já os estados produtores ficam com 23%. Do total pago pelas empresas a título de royalties, 48% ficam somente com Minas Gerais. Pará recebe 28%; Goiás, 5%; São Paulo, 4%; Bahia, 2,7%; Mato Grosso do Sul, 1,8%; e Sergipe, 1,7%. Os restantes 8% vão para os outros estados produtores.

De olho no futuro promissor da mineração, o senador Aécio Neves (PSDB-MG) já encaminhou ao Senado projeto de lei que prevê alíquota de até 5% para a Cfem, que seria recolhida em cima do faturamento bruto das empresas. Ele também cria “participação especial” de 2,5% sobre as jazidas mais lucrativas, nos moldes da taxa extra cobrada na exploração do petróleo.

Aécio defende as mudanças como forma de “corrigir injustiça histórica, sobretudo em relação aos municípios e estados mineradores, assegurando maior compensação pela exploração dos recursos minerais”. Ele alega, por exemplo, que os royalties do petróleo são hoje de 10% — no novo regime de partilha, deverá ser de 15%. A proposta prevê que 8% dos royalties minerais sejam divididos pelos municípios do estado arrecadador, independentemente de produzirem ou não minério. *(Vivian Oswald)*

O metal em números

OURO LAVRADO ATÉ HOJE NO MUNDO
(Onde está o estoque, em toneladas)



Histórico da produção mundial (em toneladas)

1600-1700	
Brasil	19
Demais países	520
TOTAL	539
1701-1800	
Brasil	838
Demais países	583
TOTAL	1.421
1801-1900	
Brasil	226
Demais países	6.614
TOTAL	6.840

Fontes: DNPM e consultoria GFMS

O ELDORADO DO SÉCULO XXI

● **AMANHÃ:** As novas fronteiras de exploração de ouro em projetos de gigantes estrangeiras no interior do Brasil.

Do ouro enviado a Portugal à Serra Pelada

Primeiros registros de existência do metal no país datam de 1552. Escravos eram os trabalhadores das minas



IMAGEM FEITA por Marc Ferrez mostra escravos buscando ouro em Minas Gerais. Foto foi tirada entre 1870 e 1899

Augusto Ridel / Fundação Biblioteca Nacional

neladas, aconteceu no ano de 1989.

A atividade garimpeira foi uma força de ocupação também da Região Amazônica. A descoberta de Serra Pelada, em 1980, dá início a um chamado “segundo ciclo do ouro na região”. O primeiro foi na década de 50, na área de Itaituba, no Pará. Em 1983, os cinco hectares de Serra Pelada bateram a produção recorde de 13,9 toneladas, usada pelo país para pagar à vista suas importações de petróleo.

De 1980 a 1988, Serra Pelada produziu cerca de 40 toneladas de ouro e abrigou nada menos que 80 mil homens. A produção da década de 80 — 650 toneladas — equivale a toda a produção do ciclo de ouro das Minas Gerais (1721-1800) e pôs o Brasil como sexto produtor mundial no início da década de 90. *(Vivian Oswald)*



FOTO DE Augusto Ridel da entrada da Mina Morro Velho (MG) em 1868